

A percepção dos alunos do ensino fundamental sobre a variação linguística em uma escola pública do interior da Bahia

Lucas Silva Freire
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil
Endereço eletrônico: 202020357@uesb.edu.br

Valéria Viana Sousa
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil
Endereço eletrônico: valeria.viana.sousa@uesb.edu.br

866

Palavras-chave: Língua Portuguesa. Percepção. Variação

INTRODUÇÃO

O uso da palmatória como método disciplinar foi introduzido pelos jesuítas e extinto com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) em 1990. A palmatória punia alunos que não seguiam regras ou não respondiam corretamente, reprimindo o uso de gírias e dialetos. Apesar da proibição da palmatória, o uso das variações linguísticas ainda é “violentado” na escola. Assim, nesta pesquisa, tendo como referência a recomendação posta na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que recomenda analisar variações linguísticas em diversos níveis e dimensões para combater preconceitos linguísticos, objetivamos investigar se essa habilidade está sendo efetivamente ensinada aos alunos do ensino fundamental de uma escola pública em Barra do Choça, Bahia.

Para tanto, a presente pesquisa dialoga com teóricos como Angrosino (2009), Mattos (2011), Geertz (2008) e outros, abordando variação linguística, preconceito linguístico e educação libertadora. A partir do objetivo maior, é, também, a nossa intenção verificar como os alunos entendem variações linguísticas e preconceito, além de analisar os planos de curso de Língua Portuguesa.

A motivação para realizar este trabalho se deu pelo fato de ter observado, na condição de discente durante o ensino básico, a extensa diferença entre o que era dito como correto

Realização:



Apoio:



nas aulas de Língua Portuguesa e o que era, de fato, linguisticamente realizado ao meu redor, na condição de sujeito falante. Não entendia por que quase ninguém que eu conhecia afirmava que não sabia falar português “corretamente” e somente os professores eram os falantes que possuíam essa competência.

Dito isso, afirmamos que esta pesquisa visa contribuir para a ciência, analisando a discussão sobre variação linguística nas aulas de português e sua influência nos alunos. Baseada em uma abordagem etnográfica, a metodologia envolve observação de planos de curso, aulas, questionários e análise dos dados.

METODOLOGIA

A etnografia, originada da Antropologia, é uma metodologia científica que analisa as interações e o funcionamento de grupos, combinando teoria e prática através das vivências do pesquisador e dos sujeitos estudados. Conforme Angrosino (2009), a cultura de um grupo é entendida pelos comportamentos aprendidos e compartilhados, sendo necessária a adaptação das técnicas de pesquisa ao contexto local e às práticas observadas.

Mattos (2011) descreve a etnografia como uma doação à ciência, implicando uma imersão no mundo dos outros. Este estudo, inspirado na metodologia etnográfica, analisa a perspectiva dos alunos do ensino fundamental sobre a variação linguística em uma escola pública da Bahia, considerando a complexidade das estruturas conceituais descritas por Geertz (2008).

Segundo André (1995), as técnicas etnográficas permitem documentar aspectos não visíveis do cotidiano escolar. A pesquisa, realizada ao longo de 40 dias, envolveu observações em sala de aula, análise de planos de aula de Língua Portuguesa e aplicação de questionários sobre as temáticas para uma turma de 30 alunos. Os dados foram analisados quantitativa e qualitativamente, fundamentados em teorias pertinentes ao objeto de estudo.

Peirano (2014), por sua vez, afirma que os etnógrafos buscam conhecer o mundo, expondo-se ao imprevisível e questionando verdades estabelecidas. Nesta perspectiva, por meio de um diálogo entre língua, sociedade e cultura, esta pesquisa aborda os estigmas da aprendizagem do português brasileiro, investigando as concepções dos estudantes sobre a variação linguística com o suporte da metodologia etnográfica.

Realização:



Apoio:



RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste estudo, utilizamos, do ponto de vista quantitativo, a porcentagem para representar as respostas de 30 (trinta) estudantes a um questionário e, do ponto de vista, qualitativo, realizamos observações com base no referencial teórico utilizado. Na primeira pergunta sobre formas linguísticas usadas em locais como favelas e bailes funks serem consideradas erradas, 50% dos alunos responderam que *sim* e 50% disseram que *não*. Isso indica uma significativa presença do preconceito linguístico. Na segunda pergunta, sobre formas linguísticas de nordestinos e cantores de funk serem alvos de preconceito, novamente 50% dos alunos responderam que *sim* e 50% que *não*, mostrando, também, nessa abordagem, a falta de consciência sobre o preconceito linguístico.

Na terceira pergunta, sobre a gramática tradicional ser a única forma correta de português, 60% responderam que *sim* e 40% que *não*, indicando que as aulas de Língua Portuguesa ainda focam exclusivamente na norma culta. Na quarta pergunta, sobre expressões como "bassoura" e "nois vai" serem erros de português, 40% responderam que *sim* e 60% que *não*, mostrando que muitos alunos, mas não a maioria dos entrevistados, veem essas expressões como desvios. Na quinta e última pergunta, sobre a forma dos alunos de falar com família e amigos ser repleta de erros, 60% responderam que *sim* e 40% que *não*, indicando que muitos alunos consideram suas próprias formas de falar como incorretas.

A análise do plano de curso de Língua Portuguesa revelou que, apesar de reconhecer a língua como fenômeno cultural e variável, os conteúdos programáticos estavam restritos exclusivamente às prescrições presentes na gramática normativa. Os resultados obtidos no questionário mostraram-nos que os alunos apresentam alguma compreensão sobre variação linguística, mas, ao lado disso, sinalizaram-nos, também, que a educação deve investir mais nesse tema a fim de trazer reflexões que visem combater ou que efetivamente combatam o preconceito linguístico

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, neste estudo, cujo objetivo principal foi analisar a percepção dos alunos de uma escola pública, na cidade de Barra do Choça, a respeito da variação linguística,

Realização:



Apoio:



contatamos que os discentes possuem relativa compreensão e consciência a respeito do tema, mas que isso ainda não é suficiente. Isso significa que as aulas de Língua Portuguesa devem ser reestruturadas pela comunidade escolar, a fim de que o assunto seja discutido de uma forma mais ampla e aprofundada de modo a cumprir o seu papel social: promover o respeito às diversidades. Assim, é necessário que haja a inclusão das identidades e propriedades linguísticas dos discentes no processo de ensino-aprendizagem de maneira mais efetiva. Desse modo, o estudo contribui com as áreas da linguística e da educação ao destacar que, apesar da relevância que o tema da variação linguística tem tido nos espaços universitários, os discentes do ensino básico ainda não possuem seu domínio de maneira satisfatória.

Reconhecemos que a análise foi feita em uma pequena parcela de participantes, totalizando apenas 30 estudantes e, por isso, sugerimos que novas observações sejam realizadas com um número maior de alunos e com a ampliação das perguntas do questionário, a fim de se chegar a resultados mais abrangentes. Acreditamos que a partir de trabalhos como esse é que a Língua Portuguesa será percebida e respeitada como de fato é: diversa, fluida e viva.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, M. E. D. A. **Etnografia da prática escolar**. Campinas, SP: Papirus, 2012.
- ANGROSINO, M. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2009.
- BAGNO, M. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 2006.
- COSTA, C. C. M. **Variação/ Diversidade Linguística, oralidade e letramento: discussões e propostas alternativas para o ensino de língua portuguesa**. 2012. Disponível em: www.ileel.eifu.ler/anaisdosielp/pt/arquivos/Sielp2012/1438.pdf. Acesso em 02 de novembro de 2023.
- FREIRE, P. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Autores Associados: Cortez: 1988.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro, RJ: LTC, 2008.
- GOMES, M. L. C. **Metodologia do ensino da língua portuguesa**. Curitiba: Editora Ibpex,

Realização:



Apoio:



2007.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MATTOS, C. L. G.; CASTRO, P. A. **Etnografia e educação: conceitos e usos**. Campina Grande, PB: EDUEPB, 2011.

PEIRANO, M. **Etnografia não é método**. Horizontes Antropológicos. Porto Alegre, RS: 2014.

POSSENTI, S. **Porque (não) ensinar gramática na escola**. Campinas, SP: Coleção Leituras no Brasil, 1996.

SILVA, E.T. **De olhos abertos: reflexões sobre o desenvolvimento da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1991.

VYGOTSKY, L. Concrete Human Psychology. Soviet Psychology, 1989, v. 2. In: SIRGADO, A. P. O social e o cultural na obra de Vygotsky. **Educação & Sociedade**, n. 71, jul., 2000

Realização:



Apoio:

